

MALAN

-Brasil

Capital de curto prazo na mira do BC

Governo estuda adotar restrições para entrada de dinheiro volátil com aumento do IOF

Sheila D'Amorim

BRASÍLIA

O Banco Central pretende adotar medidas para restringir a entrada de capitais de curto prazo no país. Mas isso, segundo o diretor de Política Monetária do BC, Francisco Lopes, só ocorrerá quando a situação externa se recuperar e o fluxo de dólares para o país estiver normalizado. A idéia, de acordo com o diretor, é estabelecer restrições mais fortes por meio do aumento do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) que os investidores pagam ao ingressar no país. Com isso, a alíquota atualmente fixada em 2% será aumentada.

Segundo Lopes, uma das lições que o Governo aprendeu com sucessivas crises foi que esse capital de curto prazo é dinheiro ruim que só vem ao país para se beneficiar das altas taxas de juros e foge ao menor sinal de turbulência. O diretor do BC descarta medidas para restringir a saída desse capital e diz estar convencido de que a seleção do capital na entrada é mais importante.

Entrada de recursos após crise da Ásia criou ilusão de reservas altas

Lopes lembra que, logo após a crise da Ásia, quando o BC flexibilizou os prazos mínimos para permanência de recursos externos no país, o Brasil recebeu cerca de US\$ 20 bilhões, o que criou a ilusão, segundo o diretor, de que o Governo dispunha de volume elevado de reservas. Entretanto, analisa, isso era apenas dinheiro para arbitragem.

— Na verdade, nunca tivemos US\$ 70 bilhões de reservas. Concretamente, as reservas eram de US\$ 50 bilhões— disse Lopes, pela assessoria de imprensa.

O momento, entretanto, não é para restringir a entrada de nenhum tipo de capital já que o país quer recompor o seu nível de reservas como uma forma de se proteger das turbulências externas. Mas assim que o cenário internacional retomar o ritmo normal, avisa Lopes, a preocupação maior do BC será de tornar as reservas mais estáveis.

As linhas básicas do programa de ajuste que permitirá ao país se recupe-

rar dos efeitos da crise internacional serão discutidas pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan, com dirigentes de organismos internacionais a partir de hoje, em Washington. Malan embarcou ontem à noite para os Estados Unidos para participar da Assembleia Anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial. O programa de ajuste, segundo uma fonte da equipe econômica, vai abranger um período de três anos, mas o maior impacto das medidas será sentido já em 1999, para que se obtenha uma reversão rápida da tendência de crescimento do déficit público.

O porta-voz da Presidência, Sérgio Amaral, disse que o Governo vai fazer um ajuste rigoroso em suas contas em 1999, mas voltou a negar qualquer aumento de imposto, inclusive da Contribuição Provisória sobre Movimentações Financeiras (CPMF):

— Tudo que diz respeito à CPMF e a aumento de imposto, no momento, é pura especulação.

Efeito no mercado de contratos futuros de dólar foi imediato

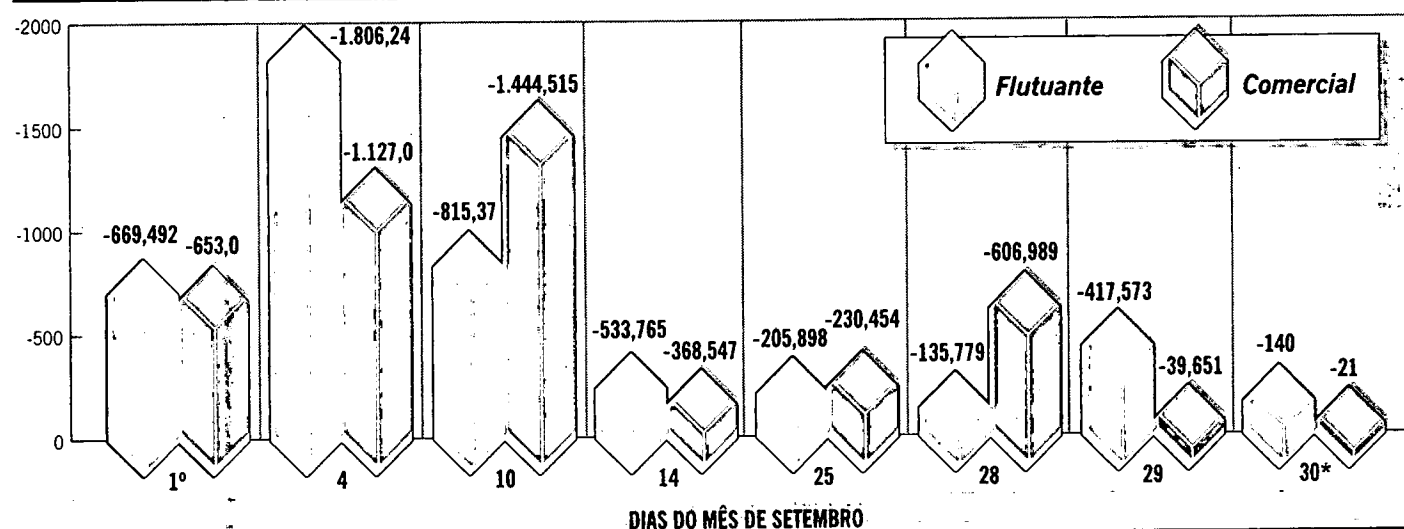
As declarações do diretor do BC tiveram impacto no mercado futuro de dólares, na Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F). A cotação da moeda americana nos contratos com vencimento em novembro — que apontam a expectativa de desvalorização em outubro — cedeu imediatamente, com a expectativa de que, para fugir do aumento do IOF, os brasileiros tragam de volta o dinheiro que tiraram do país recentemente.

Pouco antes de Chico Lopes admitir o aumento do imposto sobre entradas de capital, o dólar futuro projetava correção cambial de 1,01% para este mês. No 20 minutos finais do pregão da BM&F, as projeções despencaram para 0,74%. Os negócios na BM&F triplicaram.

Os futuros de juros seguiram a tendência. As projeções dos contratos de DI's (taxas do interbancário) com vencimento em novembro passaram de 37,58% ao ano para 35,87%.

• GOVERNO QUER ANTECIPAR A ENTRADA DE US\$ 18 BILHÕES PARA REFORÇAR RESERVAS, na página 22

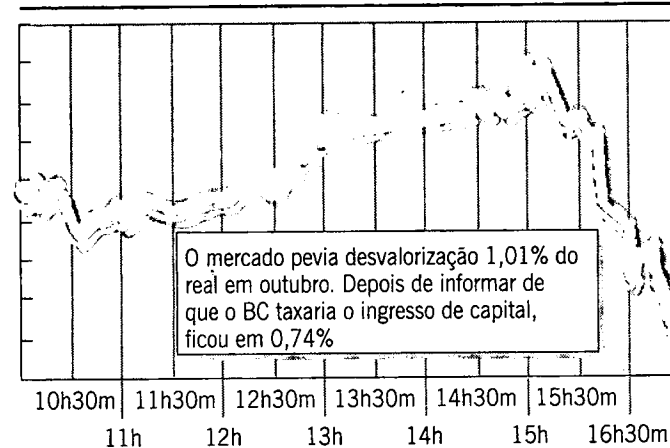
A POSSIBILIDADE DE TAXAÇÃO NA ENTRADA DE CAPITAIS REDUZIU A EXPECTATIVA DE DESVALORIZAÇÃO DO REAL PARA OUTUBRO



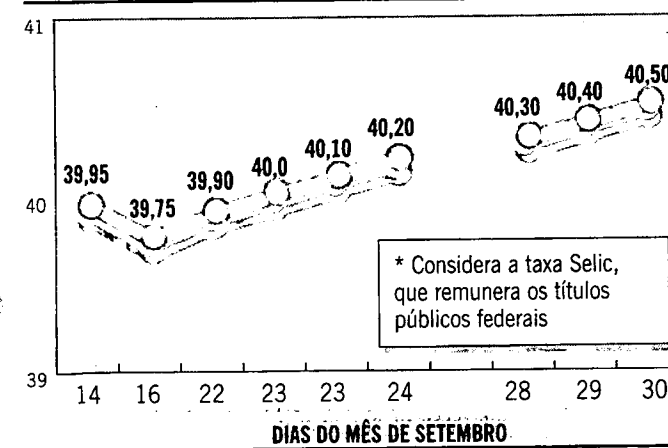
*Estimativa; Obs: o gráfico acima esta com a escala invertida

FONTE: Sisbacen e Inercado

DÓLAR FUTURO



AUMENTO GRADUAL DOS JUROS*



* Considera a taxa Selic, que remunera os títulos públicos federais

FONTE: Mercado